

Capítulo 1: O Berço de Espinhos

O reino de Valória respirava alívio. Durante anos, um silêncio melancólico havia se alojado nos corredores de mármore do castelo e se espalhado pelas ruas de paralelepípedos da capital. O Rei Stefan e a Rainha Lira, cujos corações eram tão vastos quanto as terras que governavam, ansiavam por um herdeiro, um farol de esperança para o futuro do seu povo. E então, com a chegada da primavera, a esperança floresceu. A Princesa Aurora nasceu, e o seu primeiro choro foi a melodia mais doce que o reino já ouvira.

Para celebrar a sua chegada, foi decretado um festival que duraria uma semana, culminando num batizado de grandiosidade sem precedentes. Artesãos teceram tapeçarias que narravam profecias de um reinado de paz e prosperidade. Músicos compuseram hinos que exaltavam a beleza da recém-nascida, comparando os seus olhos à cor das violetas ao amanhecer e os seus cabelos a fios de ouro fiado pelo sol. O Grande Salão do castelo, geralmente um lugar de solene diplomacia, foi transformado num éden de alegria. Guirlandas de jasmim e madressilva pendiam das vigas de carvalho, e a luz do sol, filtrada pelos vitrais que contavam a história de Valória, dançava sobre o chão polido, pintando-o com joias de luz. No dia do batizado, a nobreza de reinos vizinhos e os cidadãos de Valória reuniram-se, os seus trajes um arco-íris de sedas e veludos. O ar estava perfumado com incenso e o zumbido feliz das conversas. No centro de tudo, num berço esculpido em madeira de amieiro e forrado com o mais fino linho, dormia a Princesa Aurora, alheia à adoração que a rodeava. O Rei Stefan, um homem cuja força em batalha era lendária, parecia vulnerável, os seus olhos brilhando de uma emoção que poder nenhum podia comprar. Ao seu lado, a Rainha Lira, cuja graça era a alma do reino, sorria, um sorriso que continha todo o alívio e amor de uma mãe. O momento mais aguardado chegou quando três luzes cintilantes desceram do teto abobadado, girando e dançando antes de se materializarem em três figuras graciosas: as fadas guardiãs do reino.

Flora, a mais velha, com vestes da cor das pétalas de rosa e uma aura de sabedoria serena, aproximou-se primeiro. A sua voz era como o farfalhar das folhas de um livro antigo. "Minha pequena princesa," ela sussurrou, a sua mão pairando sobre o berço. "Eu te concedo o dom da beleza. Uma beleza que não reside apenas no rosto, mas que irradia da bondade do teu coração, cativando todos os que te conhecerem." Uma poeira dourada flutuou da sua mão e assentou suavemente sobre Aurora, que sorriu no seu sono.

Em seguida veio Fauna, vestida em tons de verde-musgo e terra, com flores silvestres entrelaçadas nos seus cabelos. A sua presença era calmante, como a quietude de uma clareira na floresta. "Pequena Aurora," disse ela, a sua voz um murmúrio como o de um riacho. "Eu te concedo o dom da melodia. A tua voz será um bálsamo para os aflitos e uma alegria para os felizes. Os pássaros da floresta serão os teus companheiros, e a tua canção trará harmonia ao mundo." Uma luz prateada e etérea envolveu a princesa, que suspirou contente.

Por fim, Primavera, a mais jovem e vibrante das três, com vestes do azul de um céu sem nuvens e uma energia contagiante, deu um passo à frente. O seu dom estava na ponta da sua língua, o seu sorriso era largo e cheio de promessas. Mas antes que pudesse falar, um vento gélido varreu o Grande Salão. As chamas das velas vacilaram e morreram, mergulhando o ambiente numa penumbra assustadora. As guirlandas de flores murcharam instantaneamente, e o perfume doce foi substituído por um cheiro de ozono e poeira antiga. As portas maciças do salão abriram-se com um estrondo, revelando uma silhueta alta e angulosa contra a luz moribunda do exterior.

Era Malévola.

O seu nome foi um sussurro de pânico que percorreu a multidão. Ela avançou lentamente, o seu cajado de ébano batendo ritmicamente no chão, o som ecoando no silêncio mortal. As suas vestes eram da cor da meia-noite, e o seu rosto pálido e aristocrático era uma máscara de desdém régio. Um corvo pousou no seu ombro, os seus olhos como contas de obsidiana a observar a cena.

"Que magnífica celebração," a sua voz ressoou, fria e cortante como gelo. "Reis, rainhas, nobres... e até mesmo o povo. Fico comovida com a demonstração de afeto. Mas parece que o meu convite se perdeu no caminho."

O Rei Stefan recuperou a compostura, colocando-se protetoramente à frente do berço. "Tu não és bem-vinda aqui, feiticeira," ele rosnou, a sua mão a repousar no punho da sua espada.

Malévola riu, um som desprovido de qualquer alegria. "Não sou bem-vinda? Depois de tudo o que o teu povo e a tua linhagem me devem? Que ingratidão. Mas não temo. Eu também trouxe um presente para a criança." Ela aproximou-se do berço, os guardas e as fadas formando uma barreira impotente contra a sua aura de poder avassalador. Os seus olhos verdes, brilhando com uma malevolência antiga, fixaram-se na pequena Aurora. "A princesa de facto crescerá em graça e beleza, amada por todos que a conhecerem," disse ela, a sua voz a destilar um veneno adocicado. "Mas... no pôr do sol do seu décimo sexto aniversário, ela espetará o dedo no fuso de uma roca de fiar... e morrerá!"

A palavra "morrerá" pairou no ar, uma mortalha sobre a alegria de momentos antes. A Rainha Lira soltou um grito de angústia e agarrou-se ao marido, o seu corpo a tremer incontrolavelmente. O pânico irrompeu na multidão.

Com a sua vingança declarada, Malévola envolveu-se num turbilhão de chamas verdes e desapareceu, a sua gargalhada cruel ecoando pelos corredores do castelo.

O desespero tomou conta do salão. O choro da rainha era o único som, um lamento que quebrava o coração. Foi então que Primavera, que ainda não tinha concedido o seu dom, flutuou até ao berço. As lágrimas brilhavam nos seus olhos, mas a sua expressão era determinada.

"Não temais, Vossas Majestades," disse ela, a sua voz um fio de esperança na escuridão. "O poder de Malévola é grande, e não posso desfazer a sua maldição por completo. Mas posso alterá-la."

Ela ergueu a sua varinha, da qual emanava uma luz azul e reconfortante. "Não na morte, mas num sono profundo a princesa cairá. Um sono que imita a morte, do qual ela só poderá ser despertada por uma promessa de esperança, a mais pura de todas as magias: o primeiro beijo de amor verdadeiro."

A maldição fora abrandada, mas não quebrada. Uma sentença de sono pairava agora sobre o berço de espinhos da Princesa Aurora, e a sombra do décimo sexto aniversário estender-se-ia por todos os dias da sua vida, transformando a maior alegria de Valória no seu mais profundo e duradouro medo.

Capítulo 2: A Rosa do Bosque

O eco da gargalhada de Malévola e o peso da sua maldição instalaram-se no Castelo de Valória como uma praga invisível. A alegria do nascimento de Aurora foi engolida por uma atmosfera de medo e paranoia. O Rei Stefan, num ato de desespero paternal, emitiu um decreto real que abalou o reino: todas as rocas de fiar em Valória, sem exceção, deveriam ser entregues e queimadas numa grande pira na praça central.

Durante dias, a fumaça acre subiu aos céus, um testemunho da dor do rei. Guardas foram de casa em casa, confiscando as ferramentas que eram o sustento de muitas famílias. Rodas de madeira, fusos polidos por gerações de mãos, tudo foi atirado para as chamas. O povo obedeceu, partilhando do

medo do seu rei, mas a medida era um bálsamo frágil para uma ferida mágica e profunda.

Numa câmara privada, longe dos olhos do público, as três fadas confrontaram o monarca. "Stefan, isto é loucura," disse Flora, a sua voz suave mas firme. "Achas que uma muralha de fogo pode deter uma magia tão poderosa como a de Malévola? Ela é astuta. Um único fuso esquecido, um único fio, é tudo o que ela precisa. Estás a lutar contra uma sombra com uma espada."

O rei, que não dormia há dias, passou as mãos pelo rosto cansado. "Então o que devo fazer? Ficar sentado e esperar que o destino da minha filha se cumpra?"

Foi Primavera quem apresentou a solução, uma proposta tão drástica que o silêncio que se seguiu foi pesado e absoluto. "A única forma de a proteger é escondê-la. Longe daqui. Longe de tudo o que ela conhece, de tudo o que Malévola procuraria. Devemos levá-la para um lugar onde a magia da corte não possa ser rastreada."

A Rainha Lira, que até então permanecera em silêncio, a embalar a sua filha, ergueu os olhos cheios de lágrimas. "Levar a minha filha? Para onde? Como poderíamos viver sem ela?"

"Nós cuidaremos dela," garantiu Fauna, a sua natureza gentil a tentar acalmar o coração de uma mãe aterrorizada. "Vamos levá-la para a nossa cabana abandonada na orla da Floresta Sussurrante. Lá, iremos criá-la como uma de nós, como uma camponesa. Sem magia, para não deixar rasto. Ela crescerá segura, ignorante da sua linhagem e da maldição. Chamá-la-emos de Rosa."

A decisão foi a mais dolorosa que Stefan e Lira alguma vez tomaram. Renunciar à infância da sua única filha, entregar o seu tesouro mais precioso aos cuidados de outros, era uma tortura. Mas a imagem do rosto de Malévola e a frieza da sua promessa eram mais fortes do que a sua dor. Concordaram, com os corações despedaçados.

Naquela mesma noite, sob o manto de uma lua nova, uma pequena trouxa foi passada das mãos de uma rainha em prantos para as de uma fada solene. A despedida foi um ritual de sussurros e lágrimas silenciosas. A Rainha Lira beijou a testa da sua filha uma última vez, inalando o seu cheiro de bebé, tentando memorizar cada pequeno detalhe do seu rosto adormecido. O Rei Stefan colocou um pequeno medalhão com o brasão real dentro dos panos de Aurora, um segredo para ser revelado apenas no dia do seu regresso. As fadas partiram para a escuridão, levando consigo o futuro de Valória. Os anos que se seguiram foram uma tapeçaria de dias simples e ensolarados. A cabana, aninhada num vale escondido, tornou-se o universo inteiro de Aurora, ou melhor, de Rosa. Era um lugar de paredes de pedra cobertas de hera, com um telhado de colmo e uma pequena chaminé que soltava anéis de fumo nos dias frios. Um riacho de águas cristalinas corria nas proximidades, a sua música constante a banda sonora da infância de Rosa.

Criar uma criança humana sem magia provou ser um desafio hilariante e exaustivo para as três fadas. Flora, habituada a conjurar banquetes, lutava para fazer um pão que não ficasse duro como pedra. Fauna, que podia acalmar as feras mais selvagens com um toque, sentia-se impotente perante um joelho esfolado. E Primavera, cuja especialidade era pintar o céu ao amanhecer, descobriu que costurar um vestido era uma forma de arte muito mais complexa e frustrante.

Mas elas perseveraram, movidas por um amor profundo e protetor. Rosa cresceu e tornou-se uma jovem de uma beleza estonteante, tal como Flora previra, mas era uma beleza natural e selvagem, não a de uma princesa enclausurada. O seu cabelo era um rio de ouro que caía pelas suas costas, muitas vezes com folhas e pequenos galhos presos nele. Os seus pés descalços conheciam cada pedra e raiz do chão da floresta.

A sua voz, o dom de Fauna, era pura magia. Ela não cantava para uma corte, mas para os esquilos que comiam na sua mão e para os cervos que erguiam as suas cabeças para a ouvir. A floresta era a sua confidente e o seu recreio. Ela conhecia os segredos do vento, a linguagem dos pássaros e os melhores lugares para encontrar amoras silvestres. O seu espírito era tão livre e indomável quanto a natureza que a rodeava, um reflexo da energia vibrante que Primavera lhe teria concedido.

Ela amava as suas três tias com todo o seu coração, mas por vezes, uma melancolia inexplicável a assaltava. Olhava para o seu reflexo no riacho e sentia-se uma estranha no seu próprio corpo. Tinha sonhos vívidos de salões vastos, de rostos que não conhecia – um homem com olhos tristes de rei e uma mulher com um sorriso de rainha. Eram apenas sonhos, dizia a si mesma, mas deixavam um rasto de saudade por algo que ela não conseguia nomear.

As fadas observavam-na com uma mistura de orgulho e apreensão crescente. Cada ano que passava era uma vitória, mas também um passo mais perto do fatídico décimo sexto aniversário. Elas viam a curiosidade nos seus olhos, as perguntas não formuladas sobre o mundo para além da floresta, sobre os pais que ela nunca conhecera. A mentira que a protegia tornava-se mais pesada a cada dia, uma sombra que se estendia sobre a sua vida idílica.

Na véspera do seu décimo sexto aniversário, enquanto o sol se punha e pintava o céu de tons de laranja e violeta, Rosa sentou-se à beira do riacho, a cantarolar uma melodia suave para um passarinho pousado no seu dedo. Ela sentia uma agitação no ar, uma sensação de mudança iminente, como a quietude antes de uma tempestade. Estava feliz, segura e amada. E completamente alheia ao facto de que o mundo protegido que conhecia como seu estava prestes a desfazer-se, fio por fio.

Capítulo 3: Ecos de um Reino Distante

Longe da luz do sol que banhava o vale escondido de Aurora, o reino de Eldoria existia sob um céu perpetuamente cinzento. Não era uma terra amaldiçoada pela magia, mas sim por algo mais insidioso: a apatia. A magia, outrora entrelaçada na tapeçaria do mundo, tinha-se retraído, deixando para trás um mundo de pragmatismo frio. Os castelos eram agora fortalezas de pedra sem encanto, os reis eram administradores, e as lendas eram relegadas às páginas poeirentas de livros infantis.

Neste reino de lógica e ordem, o Príncipe Filipe era uma anomalia. Enquanto os outros jovens nobres se dedicavam a torneios e à arte da política, Filipe encontrava o seu refúgio na Grande Biblioteca do castelo. Era um santuário silencioso, onde o cheiro de pergaminho antigo e couro prometia viagens a mundos que já não existiam. O seu tutor elogiava a sua mestria com a espada, mas lamentava a sua alma de sonhador. O seu pai, o Rei Hubert, um homem prático cujo queixo quadrado parecia ter sido esculpido para franzir a testa, via a paixão do filho por "contos de fadas" como uma fraqueza perigosa.

O objeto da obsessão de Filipe era uma tapeçaria antiga e desbotada que cobria uma parede inteira da biblioteca. Representava um mapa do continente como era há mais de um século. No centro, onde agora os cartógrafos desenhavam apenas uma mancha impenetrável de floresta com a etiqueta "As Terras de Espinhos", a tapeçaria mostrava um reino vibrante: Valória. O fio de ouro que delineava o seu castelo ainda brilhava fracamente, como uma brasa moribunda.

Filipe passava horas em frente àquela relíquia, traçando as fronteiras de Valória com os dedos, lendo e relendo os poucos textos que mencionavam o seu súbito desaparecimento. As crónicas oficiais eram vagas, falando de uma "praga mágica" que isolou o reino. Mas era o folclore, as histórias sussurradas de aldeia em aldeia, que capturavam a sua imaginação. Falavam de uma princesa amaldiçoada, um reino adormecido e uma floresta de

espinhos nascida da vingança de uma feiticeira. A lenda da "Bela Adormecida".

Para todos em Eldoria, era apenas isso: uma lenda. Uma história para assustar as crianças e fazê-las obedecer. Mas para Filipe, era diferente. Ele sentia uma estranha e inexplicável conexão com a história, uma sensação de dever que não conseguia articular. Por vezes, em sonhos, via um rosto que nunca conhecera, ouvia uma melodia que nunca fora composta, e acordava com uma sensação de perda tão profunda que o deixava melancólico durante dias.

"Continuas a olhar para isto?" A voz grave do Rei Hubert fez Filipe sobressaltar-se. O rei parou ao seu lado, o seu olhar desdenhoso a varrer a tapeçaria. "Valória desapareceu, filho. É história. E a história não enche os nossos cofres nem fortalece as nossas fronteiras."

"Mas não compreende, pai?", respondeu Filipe, a sua voz cheia de uma urgência que o seu pai sempre confundia com ingenuidade. "Não se tratava apenas de um reino. As crônicas falam de uma época em que a magia era real, em que a esperança não era apenas uma palavra. Olhe para o nosso reino. Está a sufocar em tratados comerciais e alianças sem alma. O povo esqueceu-se de como sonhar. Talvez... talvez restaurar Valória possa restaurar algo em todos nós."

O Rei Hubert suspirou, um som de profunda desilusão. "O que queres restaurar, Filipe? Queres lutar contra dragões imaginários e acordar princesas com beijos? O mundo mudou. O nosso vizinho do norte ameaça as nossas rotas comerciais. A colheita do sul foi fraca. Esses são os dragões que temos de enfrentar. A Princesa Elena de Galdor chegará na próxima semana. Uma aliança com o reino dela através do casamento é o que Eldoria precisa. Não de um príncipe a perseguir fantasmas."

A menção do seu casamento arranjado fez o estômago de Filipe revirar. Ele olhou para o seu pai, um homem que ele amava mas que não o compreendia. Viu o peso da coroa nos seus ombros, as linhas de preocupação gravadas no seu rosto. Mas também viu um homem que tinha desistido, que tinha trocado a maravilha pela segurança.

"Eu não posso ser o rei que o senhor quer que eu seja," disse Filipe em voz baixa, mas firme. "Não se eu não acreditar que há algo mais neste mundo do que poder e política."

Naquela noite, enquanto o castelo dormia, Filipe tomou a sua decisão. Sob a luz de uma vela, ele estudou mapas antigos, comparando-os com os mais recentes. A Floresta de Espinhos era uma barreira, mas não era infinita. Ele preparou uma pequena mochila com provisões, afiou a sua espada e vestiu uma armadura de couro simples, mais adequada a um viajante do que a um príncipe.

Deixou um bilhete para o seu pai, não de desafio, mas de explicação. Escreveu sobre o seu dever, não apenas para com um reino perdido, mas para com a própria alma do mundo. Ele não sabia se a lenda era verdadeira, se existia de facto uma princesa adormecida. Mas sabia que a apatia que consumia o seu próprio reino era uma maldição tão terrível como qualquer outra. E se houvesse a mais pequena centelha de verdade na velha história, a mais pequena hipótese de reacender a magia no mundo, ele tinha de a encontrar. Ao sair pelos portões do castelo, montado no seu fiel cavalo, Sansão, sentiu pela primeira vez que o seu destino estava nas suas próprias mãos. Ele não estava a fugir do seu dever como príncipe; estava a cavalgar em direção ao seu verdadeiro propósito.

Capítulo 4: O Fio do Destino

O amanhecer do décimo sexto aniversário de Aurora chegou com uma beleza quase dolorosa. O sol derramou mel líquido sobre o vale, e o orvalho nas pétalas das flores silvestres brilhava como diamantes. Para Rosa, como ela se conhecia, era um dia para celebrar. Ela acordou com o canto dos

seus amigos pássaros e desceu as escadas da cabana, esperando encontrar as suas tias a preparar o seu bolo de mel favorito.

Em vez disso, encontrou-as sentadas à mesa de madeira, as suas faces pálidas e os seus olhos carregados de uma solenidade que ela nunca tinha visto antes. Não havia farinha nas suas roupas, nem sorrisos nos seus rostos. A alegria que Rosa sentia começou a dissipar-se, substituída por um nó de apreensão no seu estômago.

"Tias? O que se passa?", perguntou ela, a sua voz jovem a vacilar.

Flora, sempre a mais direta, respirou fundo. "Rosa... querida. Há algo que precisamos de te contar. Algo que devíamos ter contado há muito tempo."

Elas sentaram-na entre elas, e a história foi contada. Não como um conto de fadas, mas como uma confissão dolorosa. Falaram de um reino chamado Valória, de um rei e de uma rainha cujo amor por ela era tão grande que a entregaram para a manter segura. Falaram do seu verdadeiro nome, Aurora. E, por fim, com as vozes a falhar, falaram de Malévola e da maldição. O mundo de Rosa desmoronou. Cada memória feliz da sua vida - a colheita de bagas com Fauna, as lições de canto com Primavera, as histórias à lareira com Flora - foi subitamente tingida pela mentira. Ela não era Rosa, a rapariga da floresta. Era Aurora, uma princesa sentenciada. As suas tias não eram a sua família; eram as suas guardiãs.

"Não... não pode ser," ela gaguejou, abanando a cabeça em negação. As lágrimas escorriam livremente pelo seu rosto. "A minha vida inteira... foi uma mentira?"

"Foi para te proteger!", exclamou Primavera, as suas próprias lágrimas a transbordar. "Nós amamos-te, Rosa. Nós amamos-te mais do que tudo."

Mas a dor da traição era demasiado aguda. Aurora levantou-se, sentindo-se uma estranha na sua própria casa, no seu próprio corpo. "E agora? O que acontece agora?"

"Hoje," disse Flora suavemente, "temos de te levar de volta. De volta ao castelo. É o teu direito de nascença."

A viagem foi um borrão silencioso e de cortar o coração. Aurora deixou para trás a única casa que conhecia, a floresta que era a sua alma, sem sequer poder despedir-se. Quando os muros imponentes do Castelo de Valória surgiram no horizonte, ela não sentiu admiração, mas um pavor gelado. O lugar era magnífico, mas parecia morto, um mausoléu à espera dela.

Dentro, os salões estavam vazios e ecoavam com os seus passos. As tapeçarias e os retratos de ancestrais que ela nunca conheceu olhavam-na com olhos silenciosos. As fadas levaram-na para um quarto luxuoso, onde um vestido de princesa, feito da mais fina seda azul, estava estendido sobre a cama. Parecia um disfarce. Elas deixaram-na sozinha para que se pudesse "ambientar", mas a solidão apenas amplificou a sua confusão e o seu medo.

Enquanto Aurora olhava pela janela para um mundo que lhe era estranho, uma mudança subtil ocorreu no ar. Uma brisa fria percorreu o quarto, e uma pequena esfera de luz verde-esmeralda apareceu no canto do seu olho, a pairar hipnoticamente. Não era ameaçadora. Pelo contrário, pulsava com uma melodia suave e tentadora, uma canção sem palavras que parecia prometer respostas, que parecia compreender a sua dor.

Malévola, a partir da sua fortaleza sombria, sentira o regresso da princesa. Ela não precisava de uma entrada dramática. A sua magia era um veneno paciente, e agora era a altura de o administrar.

Hipnotizada, Aurora virou-se para a luz. O seu coração dizia-lhe para fugir, para gritar, mas a sua mente estava enevoada pela magia, a sua vontade aprisionada pela melodia sedutora. A luz flutuou para fora do quarto, guiando-a. Ela seguiu-a, os seus pés a moverem-se como se

estivessem a sonhar, subindo uma escadaria em espiral que ela não sabia que existia, em direção a uma parte esquecida do castelo. As fadas, sentindo a súbita onda de magia negra, correram para o quarto de Aurora, encontrando-o vazio. O pânico apoderou-se delas. "Malévola!", gritou Flora. Elas seguiram o rasto tênue de poder, mas a magia da feiticeira era forte, criando portas onde não existiam e selando passagens atrás de Aurora, retardando as suas perseguidoras. A luz verde guiou Aurora até uma pequena porta de madeira no topo da torre mais alta. Abriu-se com um rangido, revelando um quarto coberto de pó e teias de aranha. E no centro, banhada por um único raio de luar que atravessava uma janela suja, estava uma roca de fiar. Era um objeto estranho e arcaico, mas para Aurora, parecia a coisa mais importante do mundo. O fuso, em particular, brilhava com a mesma luz verde da esfera, chamando-a. A melodia na sua cabeça intensificou-se, afogando todos os outros pensamentos, todas as advertências, todo o medo. Do outro lado da porta, as fadas batiam e gritavam o seu nome, as suas vozes abafadas e distantes. Mas Aurora não as ouvia. Ela aproximou-se da roca, o seu corpo a mover-se com uma graça sonâmbula. Estendeu a mão, o seu dedo indicador a pairar a meros centímetros da ponta afiada do fuso. Por um instante fugaz, a imagem do rosto choroso da sua "tia" Fauna passou pela sua mente, quase quebrando o feitiço. Mas era tarde demais. Ela tocou.

Uma dor aguda, minúscula e final. Uma única gota de sangue brotou na ponta do seu dedo, vermelha e vibrante contra a luz verde. A melodia parou abruptamente. O brilho desapareceu. A força que a mantinha de pé dissolveu-se, e os seus olhos, antes fixos no fuso, fecharam-se lentamente. Aurora, a Princesa de Valória, caiu no chão, não morta, mas mergulhada num sono tão profundo e imóvel como a própria morte. O fio do seu destino tinha sido fiado e cortado. A maldição estava completa.

Capítulo 5: O Silêncio do Reino

No momento em que o dedo de Aurora tocou o fuso, um silêncio profundo e antinatural desceu sobre a torre. As vozes desesperadas das fadas do outro lado da porta foram subitamente cortadas, como se uma parede de vidro se tivesse erguido entre elas e o mundo. Quando finalmente conseguiram arrombar a porta com a sua magia combinada, a cena que as acolheu foi a personificação do seu maior fracasso. Aurora jazia no chão de pedra, o seu peito a subir e a descer num ritmo tão lento e superficial que era quase impercetível. O seu rosto, outrora vibrante de vida e confusão, estava agora sereno, uma máscara de paz perfeita e terrível. A roca de fiar, o instrumento da sua queda, dissolveu-se numa nuvem de fumo verde e desapareceu, deixando apenas a memória da sua presença sinistra.

A dor das três fadas foi uma força palpável na pequena sala. A culpa pesava sobre elas como uma mortalha. Tinham dedicado dezasseis anos das suas vidas a proteger esta criança, apenas para a verem cair na armadilha de Malévola nos momentos finais. Flora, com lágrimas a traçar caminhos no pó do seu rosto, ajoelhou-se e pegou delicadamente na mão de Aurora. Estava quente ao toque, o único sinal de que a vida ainda se agarrava a ela.

"Não pudemos salvá-la," sussurrou Fauna, a sua voz quebrada pela angústia.

Foi Primavera, a portadora da esperança, que encontrou a força para agir. "A maldição não foi quebrada, mas o meu dom ainda se mantém," disse ela, enxugando os olhos. "Ela não está morta. Ela dorme. E se ela dorme, o seu reino não deve sofrer com a sua ausência."

Com uma determinação nascida do desespero, as fadas transportaram o corpo adormecido de Aurora de volta ao seu quarto, deitando-a na sua cama real. Cobriram-na com um cobertor de veludo e colocaram uma única rosa branca,

o símbolo da sua infância perdida, entre as suas mãos cruzadas. Era um túmulo para uma rainha viva.

Então, Primavera subiu à torre mais alta do castelo, ergueu a sua varinha e libertou a sua magia. Não era uma magia de alegria ou de criação, mas um feitiço de misericórdia e estagnação. Uma onda de luz azul e prateada emanou dela, espalhando-se pelo castelo como uma névoa suave. Não era uma magia de sono violenta como a de Malévola, mas um embalo gentil.

Nos Grandes Salões, os nobres que tinham esperado ansiosamente o regresso da sua princesa bocejaram e os seus olhos fecharam-se. Os seus corpos caíram suavemente nas suas cadeiras, a meio de uma conversa, a meio de um gole de vinho. Nas cozinhas, o chefe de cozinha que estava a gritar com um ajudante adormeceu de pé, a sua boca ainda aberta. O ajudante caiu sobre um saco de farinha, enviando uma nuvem branca para o ar que se assentou lentamente sobre as suas formas imóveis. Os guardas nos seus postos encostaram-se às paredes e deslizaram para o chão, as suas alabardas a tombarem com um estrondo suave. Até os pássaros nos beirais das janelas e os ratos nas paredes adormeceram. O fogo nas lareiras congelou, as chamas transformadas em esculturas de luz imóvel. A água nas fontes parou de fluir. O tempo, dentro dos muros do castelo, parou.

Do lado de fora, nas suas terras sombrias, Malévola observava o seu triunfo através do seu cajado. A visão do reino silencioso trouxe-lhe um prazer frio e vazio. Mas não era suficiente. A sua vingança não estaria completa até que a esperança fosse totalmente extinta. Ela não queria apenas que a princesa dormisse; queria que ela fosse esquecida, que o seu reino se tornasse um conto de advertência, um túmulo selado para o mundo. Erguendo as mãos para o céu que escurecia, Malévola invocou a sua magia mais poderosa e cruel. O chão à volta do castelo tremeu. Da terra enegrecida, brotaram vinhas e espinheiros. Não eram plantas comuns; eram manifestações da sua própria amargura. Cresceram a uma velocidade aterradora, torcendo-se e entrelaçando-se, as suas gavinhas grossas como braços de homem e os seus espinhos longos e afiados como adagas de obsidiana. Em minutos, uma parede de vegetação sombria e impenetrável cercou o castelo. Em horas, tinha crescido e se adensado, formando uma cúpula sobre as torres mais altas, engolindo Valória inteira.

A floresta de espinhos não era apenas uma barreira física. Estava viva com a malícia da sua criadora. Sussurrava dúvidas nas mentes dos viajantes que se aproximavam, mostrava visões de morte e decadência a qualquer um que ousasse olhar para a sua escuridão. Os poucos cavaleiros de reinos vizinhos que, nos anos seguintes, tentaram atravessá-la, atraídos pela lenda, nunca mais foram vistos. As suas armaduras acabaram por ser esmagadas e corroídas pelas vinhas, os seus ossos transformados em pó.

O reino de Valória foi riscado dos mapas. O seu nome tornou-se um sussurro, e depois um mito. A história da Bela Adormecida passou de uma tragédia conhecida para um conto de fadas contado à lareira. A vingança de Malévola estava completa. Ela tinha transformado um reino vibrante num monumento silencioso à sua dor, guardado por uma floresta de pesadelos, à espera de um herói que, ela tinha a certeza, nunca chegaria.

Capítulo 6: A Travessia dos Espinhos

Quase um século de silêncio se passou. O mundo mudou, reinos ergueram-se e caíram, e a memória de Valória desvaneceu-se na névoa do tempo. Mas não para todos. Para o Príncipe Filipe de Eldoria, era um destino a ser cumprido. Após semanas de viagem por terras que se tornavam cada vez mais selvagens e esquecidas, ele e o seu cavalo, Sansão, finalmente chegaram à orla da lendária Floresta de Espinhos.

A visão era mais intimidante do que qualquer história poderia descrever. Não era uma floresta, mas uma muralha viva de negrume e hostilidade.

Espinheiros do tamanho de árvores antigas torciam-se em formas grotescas,

os seus ramos negros desprovidos de folhas, mas cobertos de espinhos curvos que pareciam garras. Um nevoeiro verde e doentio pairava entre os troncos, e o ar era pesado e frio, carregado com um cheiro de decadência e magia corrupta. O único som era um sussurro constante e sibilante, como se a própria floresta estivesse a zombar da sua audácia.

Sansão empinou, os seus olhos a rolares de medo. Filipe desmontou, afagando o pescoço do animal para o acalmar. "Eu sei, meu amigo. Eu também sinto," murmurou ele, a sua própria coragem a ser testada antes mesmo de dar o primeiro passo. "Mas não podemos voltar atrás agora." Ele desembainhou a sua espada. A lâmina, forjada pelos melhores ferreiros de Eldoria, parecia um mero brinquedo contra aquela parede de pesadelo. Respirando fundo, ele cortou a primeira vinha que bloqueava o seu caminho. Ela partiu-se com um som húmido e doentio, e um líquido negro escorreu do corte, sibilando ao tocar no chão. O caminho que ele abriu fechou-se quase instantaneamente atrás dele, as vinhas a regenerarem-se com uma velocidade antinatural. Ele estava preso.

A floresta era uma provação para a alma tanto quanto para o corpo. À medida que avançava, os sussurros tornaram-se mais claros, invadindo a sua mente. Eram as suas próprias dúvidas, amplificadas e distorcidas. "Sonhador inútil," sibilava o vento. "Estás a perseguir uma história para crianças. O teu pai tinha razão. Vais morrer aqui, sozinho e esquecido." Ele tentou ignorar as vozes, concentrando-se no movimento de cortar e avançar. Mas então as ilusões começaram. Viu o rosto do seu pai, envelhecido e desapontado, abanando a cabeça em profunda tristeza. "Eu avisei-te, meu filho. Trocaste o teu reino por uma fantasia." A visão era tão real que Filipe estendeu a mão, apenas para a ver dissolver-se no nevoeiro.

Mais adiante, viu a Princesa Elena de Galdor, a mulher com quem devia ter casado. Na ilusão, ela estava casada com outro, rindo e feliz, enquanto o reino de Eldoria prosperava sob um novo rei. "Vês? Eles não precisam de ti. A tua busca é egoísta," a floresta sussurrou.

A provação mais difícil veio quando Malévola decidiu testá-lo pessoalmente. O caminho à sua frente abriu-se numa clareira, e no centro estava um trono feito de madeira torcida e ossos. Nele, uma visão de poder absoluto lhe foi oferecida. Viu-se como um grande rei, não apenas de Eldoria, mas de todo o continente, com exércitos a marchar sob a sua bandeira e a própria magia negra ao seu serviço. "Tudo isto pode ser teu," a voz de Malévola ecoou na sua mente, sedutora e poderosa. "Esquece a rapariga adormecida. Ela é apenas um símbolo. O verdadeiro prémio é o poder. Junta-te a mim."

Filipe caiu de joelhos, exausto, a sua espada pesada na sua mão. A tentação era imensa. O seu corpo doía, a sua mente estava fraturada pelas dúvidas. Seria muito mais fácil ceder. Mas então, no meio da escuridão da sua mente, ele lembrou-se do porquê de ter começado aquela jornada. Não era por glória ou poder. Era pela esperança. Pela crença de que o mundo poderia ser mais do que era.

"Não," disse ele, a sua voz rouca mas firme, levantando-se. "Eu não busco poder. Eu busco a luz."

Ao pronunciar estas palavras, uma mudança ocorreu. Três pequenas luzes - uma rosa, uma verde e uma azul - apareceram a pairar à sua frente. Eram as fadas guardiãs, que sentiram a sua presença e a pureza do seu coração. Elas não podiam intervir diretamente, mas podiam oferecer a sua ajuda. A luz rosa envolveu a sua espada, imbuindo-a com o dom da verdade, capaz de cortar através de qualquer ilusão. A luz verde fundiu-se com o seu peito, concedendo-lhe uma coragem inabalável, um escudo contra o medo e o desespero. E a luz azul transformou-se num pequeno escudo brilhante na sua mão esquerda, capaz de repelir a magia negra.

Armado com estes novos dons, Filipe sentiu a sua determinação renovar-se. As ilusões de Malévola estilhaçaram-se contra a sua espada encantada. Os sussurros de dúvida foram silenciados pela coragem que ardia no seu peito. As explosões de magia negra que a floresta lançou contra ele foram desviadas pelo escudo da esperança.

A travessia tornou-se uma batalha feroz. Ele lutou contra raízes que se animavam como serpentes e contra enxames de insetos feitos de sombra. Cada passo era uma luta, cada metro conquistado uma vitória. Finalmente, após o que pareceu uma eternidade de luta na escuridão, ele viu algo à sua frente: uma luz fraca.

Correndo em direção a ela, ele irrompeu da linha de árvores e caiu de joelhos, ofegante, na base de uma grande escadaria de pedra. À sua frente, envolto na mortalha de espinhos mas de alguma forma intocado no seu interior, erguia-se um castelo magnífico, silencioso como um túmulo. Tinha conseguido. Tinha atravessado o coração da floresta sombria e chegado ao reino adormecido de Valória.

Capítulo 7: O Castelo Adormecido

Após a escuridão sufocante da floresta, a visão do Castelo de Valória sob o céu estranhamente pálido era ao mesmo tempo majestosa e profundamente inquietante. A arquitetura era de uma beleza que Eldoria tinha esquecido há muito tempo, com torres graciosas que se erguiam como dedos a apontar para o céu e muralhas de pedra branca cobertas por uma fina camada de hera adormecida. Não havia sinais de ruína ou decadência; pelo contrário, o castelo parecia perfeitamente preservado, como um inseto em âmbar. O silêncio era o que mais perturbava. Era um silêncio absoluto, uma ausência total de som que pressionava os tímpanos de Filipe. Não havia o chilrear de pássaros, o zumbido de insetos, nem mesmo o sussurro do vento. O mundo dentro da barreira de espinhos estava congelado.

Com o coração a bater forte contra as costelas, Filipe subiu a grande escadaria de pedra e aproximou-se dos portões maciços de carvalho e ferro. Estavam entreabertos, convidando-o a entrar. Ele empurrou-os e as dobradiças, livres da ferrugem do tempo graças ao feitiço, moveram-se sem um único rangido, acentuando ainda mais o silêncio espectral.

O pátio principal era uma cena de vida interrompida. Um cavaleiro estava a meio de polir a sua armadura, o pano ainda na sua mão, os seus olhos fechados num sono pacífico. Um grupo de crianças estava congelado num jogo de pega-pega, uma delas com a mão estendida, a centímetros das costas de outra, os seus rostos com expressões de alegria e esforço. Uma fina camada de pó cobria tudo, um véu cinzento que atestava a passagem de um século. Era uma visão tão bela e tão trágica que Filipe sentiu um nó na garganta. Estas não eram estátuas; eram pessoas, presas num momento, à espera de um amanhã que nunca chegou.

Ele entrou no Grande Salão, o mesmo lugar onde, cem anos antes, a maldição fora lançada. A cena era ainda mais impressionante. Nobres em trajes de festa estavam caídos sobre as mesas ou reclinados nas suas cadeiras, as suas taças de vinho ainda meio cheias. Trovadores dormiam ao lado das suas harpas silenciosas, os seus dedos ainda a pairar sobre as cordas. No trono, o Rei e a Rainha de Valória dormiam, as suas coroas ligeiramente tortas nas suas cabeças, os seus rostos marcados por uma tristeza eterna, mesmo no sono. Filipe sentiu uma onda de reverência e tristeza. Eram os pais da princesa que viera salvar, monarcas de um reino perdido, presos no pesadelo da sua dor.

Guiado por uma intuição que ele só podia atribuir à magia das fadas que o ajudaram, Filipe sentiu-se compelido a subir. Ele moveu-se pelos corredores silenciosos, passando por cozinhas onde os pães estavam perfeitamente assados mas frios como pedra, e por bibliotecas onde os livros estavam abertos em páginas que ninguém lera durante cem anos. Cada sala contava a história de um momento roubado, uma vida suspensa. O peso

de toda aquela esperança silenciosa recaía sobre os seus ombros. Ele não estava apenas a tentar salvar uma princesa; estava a lutar pelo direito de todas aquelas almas a terem o seu amanhã.

Finalmente, ele chegou a uma escadaria em espiral isolada, que subia para a torre mais alta do castelo. Uma luz fraca e azulada, quase invisível, parecia pulsar no topo, um farol a guiá-lo. Com a mão a segurar firmemente o punho da sua espada encantada, ele começou a subir os degraus de pedra gastos. A cada passo, sentia a concentração da magia no ar a aumentar, uma mistura da magia negra e adormecida de Malévola e do feitiço protetor e esperançoso das fadas.

No topo da escadaria, encontrou uma porta de madeira simples. Ao contrário dos portões principais, esta estava fechada. Ele hesitou por um momento, sabendo que o que quer que estivesse do outro lado era o coração do feitiço, o epicentro do silêncio de Valória. Respirando fundo para acalmar os nervos, ele empurrou a porta. Ela abriu-se lentamente, revelando um quarto banhado por uma luz suave que se filtrava através de uma única janela em arco. E lá, no centro do quarto, estava ela.

Numa grande cama com dossel, coberta por um lençol de veludo azul-escuro que parecia absorver a luz, jazia a Princesa Aurora. O tempo não a tinha tocado. A sua beleza era exatamente como as lendas a descreviam - etérea e de cortar a respiração. Os seus cabelos dourados estavam espalhados pela almofada como um halo, e a sua pele era pálida como porcelana. Uma única rosa branca, agora seca e frágil, estava pousada entre as suas mãos. Ela parecia não apenas adormecida, mas perfeitamente em paz, alheia ao século que passara e ao reino que aguardava o seu despertar. Filipe ficou imóvel na entrada, cativado pela visão. A lenda era real. A esperança era real. E o peso do destino de um reino inteiro estava agora a apenas alguns passos de distância.

Capítulo 8: O Beijo e a Fúria

O ar no quarto da torre estava pesado com a poeira de um século e a quietude da magia. Filipe aproximou-se da cama, os seus passos surpreendentemente altos no silêncio absoluto. Cada detalhe de Aurora era mais vívido e real do que qualquer sonho ou lenda. As suas pestanas longas projetavam sombras suaves nas suas bochechas, e uma expressão de serena melancolia repousava nos seus lábios. Ele sentiu uma conexão imediata e poderosa, não com a princesa de um conto de fadas, mas com a jovem mulher à sua frente, uma alma presa no tempo pela crueldade de outrem. Não era apenas dever que o movia; era uma paixão profunda, um desejo avassalador de a ver abrir os olhos e respirar livremente de novo. Inclinando-se, ele afastou suavemente uma madeixa de cabelo do seu rosto. A sua pele era quente, confirmando que a vida ainda pulsava dentro dela. Com o coração a martelar no peito, ele fechou os olhos e pressionou suavemente os seus lábios nos dela.

Não foi um beijo de paixão arrebatadora, mas um gesto de pura intenção e esperança. E foi o suficiente.

Uma onda de magia dourada, quente e vibrante, explodiu do ponto de contacto. A rosa seca nas mãos de Aurora floresceu instantaneamente, as suas pétalas brancas a desdobrarem-se com uma vida renovada. A cor regressou ao rosto da princesa. As suas pestanas tremeram e, com um suspiro suave que quebrou o silêncio de cem anos, os olhos de Aurora abriram-se. Eram de um azul-violeta profundo, e estavam cheios de confusão, como se acordasse de um sonho longo e sem forma.

O seu despertar foi o catalisador. A onda de magia dourada varreu o quarto, desceu a torre e espalhou-se por todo o castelo. O pó de um século evaporou-se. As chamas nas lareiras voltaram a dançar. A água nas fontes jorrou. Por todo o lado, o reino de Valória acordou com um bocejo coletivo. O cavaleiro no pátio terminou de polir a sua armadura. A criança no jogo de pega-pega finalmente tocou nas costas do seu amigo. E

nos tronos, o Rei Stefan e a Rainha Lira despertaram, os seus olhos a encherem-se de lágrimas de alegria e alívio ao perceberem que o pesadelo tinha acabado.

Mas no seu covil sombrio, Malévola sentiu o feitiço quebrar-se. A sua obra-prima de vingança, cultivada durante um século, fora desfeita por um único ato de amor verdadeiro. Uma fúria como nunca antes sentira consumiu-a. A sua dor e o seu ódio solidificaram-se, transformando-a. Com um rugido que abalou as próprias fundações da sua fortaleza, ela desapareceu num turbilhão de fogo verde.

De volta à torre, Aurora sentou-se, olhando para o estranho à sua frente. "Quem... quem és tu?", perguntou ela, a sua voz rouca pelo desuso.

"O meu nome é Filipe," respondeu ele, com um sorriso gentil. "Eu..."

Ele foi interrompido por um tremor violento que abalou o castelo. Uma sombra gigantesca cobriu a janela, mergulhando o quarto na escuridão. Um rugido ensurdecedor ecoou do exterior, um som arrancado das entranhas de um pesadelo. Filipe correu para a janela e o que viu gelou-lhe o sangue. A floresta de espinhos estava a contorcer-se e a enrolar-se sobre si mesma, convergindo num único ponto no pátio do castelo. E dessa massa de escuridão e malícia, emergiu uma criatura colossal: um dragão. As suas escamas eram negras como obsidiana, os seus olhos brilhavam com um fogo verde malévolos, e da sua boca aberta saíam baforadas de fumo venenoso. Era Malévola, na sua forma mais terrível e poderosa.

"Ele acordou-a!" A voz do dragão era uma mistura da de Malévola e do ranger de pedras de moinho. "Então ele morrerá com ela! E este reino será a sua pira funerária!"

Filipe puxou Aurora para longe da janela. "Fica para trás!", gritou ele, desembainhando a sua espada, que agora brilhava intensamente com a luz rosa das fadas.

O dragão atacou, a sua cabeça maciça a esmagar a parede da torre, enviando uma chuva de pedras e destroços. Filipe empurrou Aurora para a segurança da escadaria enquanto o chão do quarto começava a ceder. O clímax não era apenas o despertar; era a batalha pela sobrevivência que se seguia.

Filipe desceu as escadas a correr, gritando para os guardas recém-despertados e confusos organizarem uma defesa. Ele sabia que as armas mortais não fariam nada contra aquela criatura. Esta era a sua luta. No pátio principal, ele enfrentou o dragão. A criatura elevava-se sobre ele, um deus de fúria e destruição. Malévola cuspiu uma torrente de fogo verde. Filipe ergueu o seu escudo azul, que brilhou intensamente e desviou a maior parte da chama, mas o calor era tão intenso que o deixou a ofegar.

Aurora, observando de uma varanda segura, recusou-se a ser uma donzela indefesa. O seu tempo na floresta tinha-lhe ensinado a ser engenhosa e corajosa. Vendo a espada de Filipe, ela lembrou-se de uma lenda que as fadas lhe contaram sobre as armas encantadas. Ela gritou: "O coração! A magia dela está concentrada no seu coração!"

Filipe percebeu o que ela queria dizer. Uma investida frontal era suicídio. Ele precisava de uma oportunidade. O dragão atacou novamente, a sua cauda a varrer o pátio, destruindo uma estátua centenária. Filipe esquivou-se, usando a sua agilidade para evitar as garras e as chamas. Aproveitando um momento em que o dragão se virou para incinerar um grupo de guardas, Filipe correu em direção à criatura, usando os escombros para ganhar altura. Ele saltou para as costas do monstro, agarrando-se a uma das escamas enquanto o dragão se debatia furiosamente, tentando desalojá-lo. Com um esforço hercúleo, ele subiu pelo pescoço da criatura, a sua espada preparada.

Malévola sentiu-o e virou a sua cabeça maciça, as suas mandíbulas a abrirem-se para o devorar. Mas nesse instante, Filipe atirou a sua

espada. Imbuída com a magia da verdade e da coragem, a lâmina voou certa, atingindo um ponto vulnerável no peito do dragão, onde as escamas eram mais finas. A espada penetrou profundamente. O dragão soltou um rugido final, não de fúria, mas de dor e choque. O fogo verde nos seus olhos vacilou e apagou-se. A criatura maciça cambaleou e caiu, o seu corpo a desfazer-se não em carne e osso, mas numa explosão de espinhos negros e magia sombria que se dissolveu em nada. No lugar onde o monstro caíra, restava apenas uma veste preta esfarrapada e a espada de Filipe, a sua lâmina a fumar no chão de pedra. A fúria de Malévola tinha sido finalmente vencida.

Capítulo 9: As Raízes da Vingança

Com a derrota de Malévola, uma estranha calma desceu sobre Valória. O sol, como se finalmente tivesse permissão para brilhar, atravessou as nuvens e banhou o pátio danificado do castelo numa luz quente e dourada. A intransponível floresta de espinhos que tinha sufocado o reino durante um século murchou e transformou-se em pó, revelando um mundo que tinha continuado sem eles. O povo de Valória, ainda a recuperar do choque do seu longo sono e da batalha aterrorizante que tinham testemunhado, começou a celebrar. Vivas ao Príncipe Filipe ecoaram pelas muralhas do castelo, e a reunião de Aurora com os seus pais, o Rei Stefan e a Rainha Lira, foi um momento de lágrimas e alegria contida que o reino ansiava por ver.

No entanto, a vitória sentia-se incompleta. Enquanto um criado limpava os restos da veste negra de Malévola, a espada de Filipe, que permanecia cravada no chão, começou a pulsar com uma luz escura e esverdeada. Não era a luz da maldição, mas algo diferente – uma ressonância, um eco. Intrigada, Aurora aproximou-se, sentindo uma atração inexplicável. Filipe juntou-se a ela, a sua mão a pairar sobre o punho da sua espada. Quando ambos tocaram na arma ao mesmo tempo, a luz envolveu-os.

O mundo à sua volta desapareceu, substituído por uma torrente de visões. Não eram ilusões, mas memórias – as memórias de Malévola, impressas na sua magia residual. Eles viram uma Malévola muito mais jovem, não uma feiticeira temível, mas uma poderosa guardiã alada de um reino mágico que fazia fronteira com as terras dos homens. Viram-na a conhecer um jovem camponês ambicioso e carismático chamado Stefan. Viram a amizade deles florescer em amor, uma união proibida entre dois mundos.

As visões tornaram-se mais sombrias. Viram a ganância de Stefan crescer. O rei humano da época ofereceu-lhe o trono e a mão da sua filha, Lira, se ele conseguisse derrotar a "ameaça" que a guardiã mágica representava. Stefan, dividido entre o amor e a ambição, fez a sua escolha. Numa noite de traição, ele drogou Malévola e, enquanto ela dormia, cortou-lhe as asas, o símbolo do seu poder e da sua identidade, apresentando-as ao rei como prova da sua "vitória".

A dor e a agonia de Malévola ao acordar, mutilada e traída pela pessoa que mais amava, inundaram os sentidos de Aurora e Filipe. Viram o seu coração a transformar-se em pedra, o seu amor a azedar em ódio. A sua vingança não era apenas um ato de maldade aleatória; era o grito de uma alma despedaçada. A maldição sobre Aurora não era dirigida à criança, mas ao legado do homem que lhe tinha roubado a capacidade de voar, de confiar, de amar. A roca de fiar, um símbolo do trabalho doméstico e do destino, era a sua forma poética e cruel de ferir Stefan no coração do seu novo reino.

As visões desvaneceram-se, deixando Aurora e Filipe de joelhos no pátio, a ofegar, com o peso daquela verdade terrível sobre eles. O monstro que Filipe tinha derrotado nascera de uma dor inimaginável. O pai que Aurora acabara de reencontrar era o arquiteto dessa dor.

O olhar que trocaram não era o de um herói e de uma donzela, mas o de dois indivíduos confrontados com uma complexidade moral avassaladora. A celebração à sua volta parecia agora oca e desonesta.

Aurora levantou-se, a sua expressão endurecida pela revelação. Ela caminhou em direção ao seu pai, que vinha ao seu encontro com um sorriso de alívio. Mas o sorriso dele morreu quando viu o olhar dela.

"Pai," disse Aurora, a sua voz calma mas cortante como vidro. "Nós precisamos de falar. Sobre asas. E sobre o verdadeiro preço desta coroa." O Rei Stefan empalideceu, o seu passado a regressar para o assombrar no dia do seu maior triunfo. A verdade sobre as raízes da vingança de Malévola tinha vindo à luz, e não podia ser ignorada. O mal fora derrotado, mas a justiça ainda não tinha sido feita. Aurora percebeu que a sua tarefa não era apenas governar um reino, mas curar uma ferida profunda que envenenara duas nações durante mais de um século, uma ferida aberta pelo seu próprio sangue. A verdadeira batalha por Valória não tinha sido contra um dragão, mas estava apenas a começar – uma batalha pela verdade, pela redenção e pela construção de uma paz baseada na honestidade, e não em contos de fadas simplificados.

Capítulo 10: A Coroa e a Rosa

O rescaldo da revelação foi mais devastador para o Castelo de Valória do que qualquer ataque de dragão. A confissão do Rei Stefan, arrancada pela confrontação da sua filha, espalhou-se pelo reino recém-desperto, não como um boato, mas como um decreto de verdade. O rei amado era um homem cuja fundação do poder fora construída sobre uma traição cruel. A alegria do despertar deu lugar a uma introspeção sombria e desconfortável. Stefan, consumido pela culpa de uma vida inteira, abdicou do trono. Ele não foi exilado nem punido; a sua sentença foi viver com o peso das suas ações, um fantasma no castelo que outrora governara. A Rainha Lira, embora de coração partido pela duplicidade do seu marido, permaneceu ao seu lado, o seu amor um ato de compaixão num tempo de julgamento. A coroa, pesada com a história de dor e engano, foi passada a Aurora. No dia da sua coroação, ela não usou os trajes de seda azul do seu breve e trágico regresso, mas um vestido simples, da cor verde da floresta, adornado não com joias, mas com rosas brancas vivas. Ela não era mais a Bela Adormecida, um ícone passivo à espera de ser salvo. Ela era Aurora, a Rainha que escolheu a verdade em vez da lenda, a Rosa que cresceu livre no bosque e que agora trazia essa resiliência para o trono.

Ao seu lado estava Filipe. Ele enviara um mensageiro ao seu pai, explicando tudo, não como um filho rebelde a justificar as suas ações, mas como um futuro líder a partilhar uma sabedoria recém-adquirida. Ele renunciou ao seu direito ao trono de Eldoria, escolhendo permanecer em Valória, não como um rei consorte, mas como um parceiro. O seu amor por Aurora não era o prémio no final de uma demanda; era o início de uma jornada partilhada, uma aliança forjada na verdade e no propósito mútuo. O primeiro ato de Aurora como Rainha não foi organizar um baile ou um torneio, mas viajar até à fronteira do seu reino, onde outrora existia o reino mágico de Malévola, agora uma terra desolada. Com Filipe, as três fadas e uma pequena comitiva, ela plantou a primeira semente de uma nova floresta, um gesto simbólico de reparação. Ela declarou que Valória não se reconstruiria virando as costas à magia, mas procurando compreendê-la e honrá-la. Foram estabelecidas embaixadas para os seres mágicos remanescentes, oferecendo paz e reconhecimento, buscando redimir a traição que tinha envenenado o mundo.

O seu reinado tornou-se uma era de mudanças profundas. Valória, tendo dormido durante um século de progresso pragmático, tornou-se um farol único no mundo – um lugar onde a sabedoria antiga e as novas ideias se encontravam. A lógica e a magia não eram mais vistas como opostas, mas como duas partes de um todo maior. Aurora governava com a compaixão que

aprendera com a natureza e com a dor de Malévola. Filipe, com o seu idealismo agora temperado pela experiência, ajudou a construir pontes, tanto literais como diplomáticas, com os reinos vizinhos.

A história deles não terminou com um simples "e viveram felizes para sempre". A felicidade deles não era um estado passivo, mas um esforço ativo e diário. Encontraram a felicidade na reconstrução de um reino, na cura de feridas antigas, e no amor que sentiam um pelo outro, um amor que tinha sido testado não por um sono encantado, mas pela complexidade da vida real.

Anos mais tarde, a Rainha Aurora e o Príncipe Filipe caminhavam de mãos dadas pelos jardins do castelo, agora florescentes e vibrantes. Olhavam para o seu reino - um reino de paz, de progresso e de magia redescoberta. Valória tinha despertado não apenas do seu sono, mas de uma inocência perigosa. Tinha aprendido que os monstros raramente nascem do nada e que os heróis são definidos não pela sua capacidade de matar dragões, mas pela sua coragem de enfrentar verdades inconvenientes. E nesse novo amanhecer, a coroa de Aurora não era um símbolo de direito de nascença, mas da rosa que floresceu através do betão da história, provando que o mais verdadeiro dos amores não é aquele que quebra uma maldição, mas aquele que escolhe construir um futuro melhor a partir das suas cinzas.